

COMÉRCIO INTER-REGIONAL DO NORDESTE: ANÁLISE DAS MUDANÇAS APÓS O DESENVOLVIMENTO DOS RECENTES POLOS DINÂMICOS^{1*}

Erick Soares de Sousa

Professor de Economia na Faculdade de Ipojuca
E-mail: ericksoaresss@yahoo.com.br

Álvaro Barrantes Hidalgo

Professor do Departamento de Economia (UFPE)
Pesquisador do CNPq
E-mail: hidalgo@ufpe.br

RESUMO O artigo analisa o intercâmbio comercial da Região Nordeste com as demais regiões do Brasil no período recente. Pretende-se conhecer melhor as mudanças acontecidas na estrutura desse comércio, após a criação dos recentes pólos dinâmicos da economia nordestina, a exemplo do pólos Petroquímico na Bahia, Têxtil e Calçadista no Ceará, entre outros. O artigo analisa o crescimento do comércio, não apenas a nível agregado, mas também a nível de Estados da Região. A análise da estrutura do comércio é feita comparando as pautas do comércio entre os anos de 1976 e 1999. Os resultados mostram que embora continuem elevados os fluxos de comércio no sentido Sudeste -Nordeste, essa concentração mostra uma tendência de queda, com crescente participação de outras regiões. Essa tendência parece ser fruto da desconcentração industrial recente do país. Houve também significativa mudança na participação dos Estados nordestinos nas exportações interestaduais, decorrente de resultados mais positivos das exportações originadas na Bahia e no Ceará, em contraposição a uma certa estagnação das exportações de Pernambuco. Por outro lado o índice Herfindahl-Hirschman mostra um perfil de exportações bem mais concentrado no final do período.

Código JEL: R11

Palavras-chave: Comércio inter-regional, Pólos Dinâmicos, Nordeste

* Artigo recebido em novembro/2008 e aceito em janeiro/2009.

¹ Os autores agradecem comentários e sugestões recebidos de parecerista anônimo desta revista. Erros e omissões porventura remanescentes são, naturalmente, de inteira responsabilidade dos autores.

ABSTRACT This paper aims to examine the interregional trade of the Northeast along with the other regions in Brazil. Its aim is to understand the changes carried out in the structure of the commerce, after the development of the dynamic poles in the Northeast such as the petroquimical pole in Camaçari, Bahia, and the textile and footwear production in the state of Ceará. The research shows an aggregate view and a structural standpoint based on the structural change of the commerce. Upon a structural analysis, interregional trade agendas from 1976 and 1999 were compared, coming to observe the main compound products and the main changes occurred. As a result, the high fluxes were proved right, especially the Southeast/Northeast trade route, nonetheless this concentration presented fall tendency as other Brazilian regions also started to take more crucial part on the trade process. At the same time, there was an outstanding change on the Northern states participation in the total amount of exportation, which is the result of positive fluxes of commerce originated in Bahia and Ceará, in contrast to Pernambuco's stagnation. On the structural analysis it was possible to watch important changes, mainly because of the recent establishment of dynamic growth poles in the northeast.

Key words: Inter-regional trade, dynamic poles, Northeast

1. Introdução

O comércio inter-regional contribui para promover o crescimento econômico de determinada região. Segundo Hidalgo e Vergolino (1998), as trocas comerciais do Nordeste com as demais regiões do país, representam um importante elemento de crescimento regional. Apesar de relevante, o estudo do comércio inter-regional no Brasil apresenta algumas limitações. Há uma carência quanto à disponibilidade de dados e informações sobre os fluxos de comércio por vias internas. Existem diversas lacunas na história econômica onde estes dados sequer foram levantados, ao mesmo tempo em que, as informações disponíveis, em grande parte, são restritas, não conclusivas ou apresentam sérios problemas metodológicos, como ausência de informações para alguns Estados e dados imprecisos que foram descartados das matrizes de comércio.

Este trabalho se propõe examinar o comércio inter-regional da região Nordeste utilizando, dentre as poucas fontes existentes, as bases de dados mais consistentes e confiáveis disponíveis no Brasil. O estudo tem por objetivo principal conhecer melhor as principais mudanças ocorridas no comércio inter-regional da região Nordeste, com as demais regiões do país, a partir do desenvolvimento dos recentes pólos de desenvolvimento, a exemplo do Pólo Petroquímico de Camaçari na Bahia, Têxtil e Calçadista no Ceará, dentre outros, que se desenvolveram ao longo da segunda metade do século XX. Na economia nordestina observa-se no período recente o incremento de importantes pólos de desenvolvimento. Isso sugere que o processo de industrialização do Nordeste vem-se desenvolvendo com maior intensidade e impactando em níveis mais positivos de comércio para a região. De certa forma, representa um processo de desconcentração da indústria no país, enquanto plantas industriais se deslocam para o Nordeste, a fim de aproveitar as vantagens comparativas da região.

A justificativa deste trabalho considera a importância do fortalecimento da economia regional por meio de um comércio inter-regional ativo, entre as regiões do país, ao mesmo tempo em que, promova-se o comércio exterior e as relações internacionais com as demais nações.

A principal questão que este trabalho se propõe responder é: como as relações inter-regionais se alteraram ao longo do período de 1943 a 1999, com maior ênfase para o período recente, após o desenvolvimento dos recentes pólos dinâmicos no Nordeste? A fim de atingir esse objetivo o trabalho se divide em seis seções, inclusive esta introdução. Na segunda seção são apresentadas, de maneira resumida, as principais teorias do comércio inter-regional e internacional e é realizada uma revisão de aplicações práticas desenvolvidas com base nessas teorias. Na seção três discutem-se os aspectos metodológicos e os dados utilizados para o desenvolvimento do estudo. Na seção quatro discutem-se os aspectos relativos à análise agregada do comércio inter-regional do Nordeste com as demais regiões do país. Na seção cinco é feita uma análise da estrutura do comércio e mudanças ocorridas na composição das pautas de exportações e importações inter-regionais da região Nordeste, principalmente após o desenvolvimento dos recentes pólos de desenvolvimento. Desta forma, será possível

saber quais os produtos mais representativos nas pautas comerciais entre os anos de 1976 e 1999, observando as modificações ocorridas na estrutura do comércio. Também nesta seção serão observados os índices de concentração dos produtos nas pautas de importações e exportações inter-regionais. A sexta seção apresenta as conclusões finais do trabalho.

2. Comércio e Crescimento Regional: Breve Revisão da Literatura

Um das primeiras teorias relacionadas com o comércio inter-regional é a teoria da base de exportação. Segundo Richardson (1975), “a idéia que sustenta a teoria de base econômica regional é a de que o único, ou principal, fator determinante do nível geral de atividades numa região é o nível geral de atividades, ou setores, que são mantidos pela demanda exterior à região”. Essa teoria é extremamente simplificada, pois supõe que as exportações são o único determinante da renda regional. Houve diversas críticas para este modelo simplificado, principalmente pelo fato de desconsiderar as alterações no consumo, no investimento privado e nos gastos do governo. Sendo estes dois últimos elementos importantes para a determinação da renda regional. Da mesma forma, este modelo não se adapta a um sistema de várias regiões, reduz-se apenas a duas regiões que podem ser destacadas como a região local e o resto do mundo.

Considerando as restrições encontradas no modelo da base de exportação, Metzler (1950) criou uma análise mais sofisticada para o desenvolvimento da teoria da renda inter-regional e desenvolveu o multiplicador inter-regional, introduzindo a interdependência em um sistema multirregional. Desta forma, Metzler concluiu que: “a renda líquida de uma região, da mesma forma que a de um país, é constituída pelos gastos em consumo, mais o investimento líquido, mais as exportações menos as importações”.

Outra teoria importante se baseia na localização das atividades, segundo Ferreira (1983) as teorias de localização se estruturam fundamentalmente na interpretação da decisão do empresário, inserido em uma economia de mercado, em se estabelecer na melhor localidade possível. Esta disposição se alinha a buscar elementos para minimizar os custos operacionais e, conseqüentemente, os custos de transporte das matérias primas e do produto final até o mercado consumidor, a fim de obter o maior lucro possível.

A teoria Weberiana de localização industrial considera três fatores essenciais que influenciam o empresário a localizar a sua estrutura industrial em determinada posição: os custos de transporte, o custo da mão-de-obra e um fator local constituído por forças de aglomeração e desaglomeração. Webber (1929) supunha que as fontes de matéria prima eram locais conhecidos e que as suas quantidades eram limitadas, como também os mercados consumidores. Esses mercados eram constituídos por pontos no espaço geográfico onde estariam distribuídos. Segundo o autor, o primeiro procedimento para a tomada de decisão da localização da empresa seria nos seguintes locais: na fonte da matéria prima, no mercado consumidor ou nos entroncamentos

das redes de transportes. A teoria de localização de Webber (1929) detém quatro condições básicas que delimitam o modelo: as localizações dos pontos de consumo e a intensidade da demanda são dados e constantes, ou seja, a demanda é perfeitamente elástica; as localizações dos depósitos das matérias primas são dadas, bem como infinitamente elásticas, a um dado preço a sua oferta; os locais onde a mão-de-obra está disponível são dados e nesses locais a oferta de mão de obra é infinitamente elástica a uma dada taxa de salário real.

Outra teoria de localização aplicada ao estudo da economia regional é a Teoria da Localização Agrícola de Von Thunen. Esta teoria se diferencia da de Weber pelo fato de que, ao invés de determinar o sítio ótimo para a localização da firma, responde a questionamentos tais como: o que se deve produzir em um determinado local? Onde deve se localizar esta produção? Neste modelo, a terra se destaca como principal fator de produção. A dispersão geográfica para a concepção desta teoria se baseia não só na questão tecnológica, que aborda o uso da própria terra no processo de produção, como também, na questão econômica, a exemplo, do preço da terra, cujo valor relativo afeta a sua utilização, no qual também se incluem os custos de transporte. Para o autor, o que diferencia as glebas entre si é a localização com relação ao centro de consumo e o preço, ou renda de localização. Esta renda varia de acordo com a distância para o mercado e diminui enquanto se afasta, até por fim se anular. Uma simplificação básica da teoria de Von Thunen pode ser expressa pela assertiva de que, quanto maior for o custo do transporte por unidade e a distância entre o local de produção e o mercado consumidor, menor será o lucro do produtor. Como exemplo é possível afirmar que, se determinado produto agrícola tem alto custo de transporte, este deverá ser produzido próximo à cidade, ao contrário, outro, com menor custo de transporte, poderá ser produzido em local mais distante do centro consumidor.

Uma das contribuições pioneiras sobre a interdependência locacional foi realizada por Hotelling² (1929), enquanto determinou essa decisão, influenciada pela presença de um concorrente. Como exemplo, podemos citar o caso dos dois vendedores de sorvete em uma praia. Para tanto, é preciso admitir a existência de dois vendedores e de diversos consumidores dispersos em uma área, consumindo uma unidade de um produto homogêneo, por um determinado período de tempo.

Outra teoria sobre comércio inter-regional muito utilizada está baseada no modelo gravitacional e no conceito de regiões polarizadas. A composição de heterogeneidade dos subespaços que compõem as regiões polarizadas resulta da hipótese de que haja uma interligação ou interdependência entre estes pontos. Os efeitos exercidos por um pólo de desenvolvimento se caracterizam pela capacidade de induzir transformações nas suas áreas de influência denominadas “efeitos de arrasto”. De certa forma, os centros dominantes condicionam e determinam a dinâmica às áreas consideradas periféricas ou dominadas. A determinação dessas regiões polarizadas se baseia, principalmente, em técnicas de análise dos fluxos inter-regionais e

² O artigo de Hotelling tornou-se uma referência pois tratava da questão da determinação de preços em uma concorrência duopólica.

intra-regionais de várias naturezas, sejam elas, econômicas, monetárias, financeiras, mercadológicas, culturais, etc. Os aspectos conceituais e teóricos dos modelos gravitacionais constituem um recurso para a compreensão das causas que resultam na movimentação de mercadorias, pessoas, capital, etc., entre os diversos pontos de um espaço geográfico.

Hidalgo e Vergolino (1998) examinaram o fluxo de comércio do Nordeste para o resto do Brasil e para o exterior, usando o modelo da equação de gravidade. Desta forma avaliaram, para o ano de 1991, a relevância das fronteiras internas e externas sobre o padrão do comércio internacional e interestadual. Os autores ressaltam a importância do modelo gravitacional para analisar diversos aspectos do comércio, inclusive a nível internacional. Este modelo é utilizado para examinar, por exemplo, os efeitos sobre o comércio, provocados pela integração econômica. Como conclusão, Hidalgo e Vergolino (1998) mostram a existência de uma alta elasticidade das exportações nordestinas em relação ao produto doméstico bruto regional. Os números também demonstram a existência de um maior nível comercial interno em relação ao nível internacional. Também, os autores identificaram um resultado novo na literatura internacional, a elasticidade do comércio do Nordeste, relativa ao produto doméstico bruto regional, mostrou-se menor do que a elasticidade do comércio em relação ao produto doméstico bruto dos Estados importadores.

Outros modelos que contribuem para o entendimento do comércio inter-regional são os modelos sobre comércio internacional. O primeiro deles, o modelo de Ricardo, desenvolvido em 1817, defende que as regiões exportarão os bens produzidos, com o trabalho interno, de maior produtividade e importarão bens produzidos pelo trabalho interno de menor produtividade. Esta condição somente ocorrerá mediante a visão estrita da teoria do valor do trabalho.

Outro importante modelo, utilizado amplamente nos tempos atuais, é o de Heckscher-Ohlin. As idéias iniciais foram desenvolvidos em 1919, por Eli Filip Heckscher e concluídos em 1930, por Bertil G. Ohlin. Também denominado de modelo das proporções de fatores, analisa uma economia que produz dois bens com o uso de dois fatores de produção, geralmente trabalho e capital e utiliza tecnologia de produção neoclássica. Dois paradigmas fundamentais compõem esta teoria: o primeiro afirma que “o padrão de comércio reflete as dotações relativas de fatores de produção, países com mão-de-obra relativamente abundante tendem a exportar mercadorias relativamente intensivas em mão-de-obra”. O segundo paradigma afirma que “a liberalização comercial beneficia o fator de produção relativamente abundante, mas prejudica o fator relativamente escasso”, assim o livre comércio contribui para uma melhor distribuição da renda. É muito vasta a literatura que aborda as aplicações práticas do Modelo de Heckscher-Ohlin em todo o mundo. No Brasil foram realizados diversos testes dessa teoria³. Recentemente Istake (2003), examinou o comércio interno e externo do Brasil e das suas macrorregiões sob a aplicação deste modelo. Hidalgo e Feistel (2007), utilizando modelo de três fatores, mostram que o

³ Ver, por exemplo, Hidalgo (1985) quem realiza uma revisão dessa literatura.

Nordeste apresenta um aumento na exportação internacional de produtos abundantes em capital, em detrimento de uma diminuição dos produtos intensivos em trabalho. Este resultado é contrário do que se esperaria pela teoria, uma vez que a mão-de-obra é o insumo abundante no Nordeste.

Em resumo, as teorias e modelos abordadas nesta seção se mostram importantes para o entendimento dos fluxos comerciais inter-regionais do Nordeste com as demais regiões do país, e para melhor análise das políticas de crescimento econômico.

3. Metodologia e Dados Utilizados na Análise

Ao realizar este estudo foi possível comprovar que existe no Brasil uma grande carência em relação às informações sobre os fluxos inter-regionais de bens e mercadorias. Os levantamentos existentes em grande parte se deparam com restrições metodológicas, ausência de determinados Estados na composição das matrizes, o que dificulta uma maior precisão na análise e avaliação destes dados.

Diante das condições apresentadas nas bases de dados do comércio inter-regional brasileiro, principalmente, quanto à qualidade das informações reveladas, das imprecisões demonstradas por omissões dos fluxos de importantes Estados e também da ausência de dados (grandes lacunas onde os dados não foram levantados), utilizou-se, neste trabalho, uma série, tendo como base os anos de 1943, 1947, 1961, 1969, 1976, 1980 e 1999, pois parecem ser os mais significativos e, metodologicamente, consistentes. Desta forma, é possível obter uma boa noção sobre o desenvolvimento do comércio inter-regional do Nordeste brasileiro em diversos pontos distintos ao longo do século XX.

Na análise estrutural, quando foi possível avaliar a composição por produtos das pautas de exportações e importações do Nordeste, utilizaram-se, como base, as matrizes por produtos dos anos de 1976 e 1999.

Dentre as informações disponíveis para o Brasil, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) realizava periodicamente levantamento do comércio por vias internas no país e publicava nos Anuários Estatísticos do Brasil. Estas informações deixaram de ser levantadas a partir no final da década de 1960. Todavia, havia uma série de problemas metodológicos pela falta de cobertura de importantes Estados que ficavam ausentes nas tabulações ou pela descontinuidade dos levantamentos realizados.

Com a interrupção dos levantamentos realizados pelo IBGE sobre o comércio inter-regional, a SUDENE realizou, para os anos de 1974 a 1980, levantamento do comércio por vias internas dos Estados da região Nordeste. Este foi um trabalho de grande qualidade e valor científico, pois não se revelou restrito apenas ao levantamento dos dados em forma de matrizes, mas apresentou tabelas que demonstravam, detalhadamente, a composição estrutural dos produtos constantes nas pautas de importações e exportações inter-regionais do Nordeste brasileiro. Escolheu-se, portanto, os dados referentes aos anos de 1976 e 1980, uma vez que, se demonstraram mais precisos e com menos ausências de informações e imprecisões metodológicas.

Finalmente, para o ano de 1999, decorrida uma lacuna de quase 20 anos, utilizou-se, como base, o trabalho realizado por Vasconcelos (2001) e Vasconcelos e Oliveira (2006) da Diretoria de Estudos Regionais e Urbanos (DIRUR) do IPEA. O primeiro trabalho foi idealizado com base na elaboração de uma matriz do fluxo do comércio de bens e serviços, no Brasil, para o ano de 1999. O segundo, ainda mais completo e conclusivo, teve como base, a análise da matriz por atividade econômica, introduzindo-se detalhes sobre a composição estrutural das pautas do comércio interestadual.

Quanto à análise estrutural, quando analisadas as composições das pautas de comércio inter-regional, foram utilizadas as matrizes por produto dos anos de 1976 e 1999. Vale salientar que em 1976 os produtos estavam classificados por meio do padrão da Classificação Brasileira de Mercadorias, enquanto em 1999 estavam dispostas segundo os critérios dos Códigos CNAE-F (Classificação Nacional de Atividade Econômica-Fiscal). Em face da impossibilidade de conversão dessas tabelas para um único código específico, em razão das suas especificidades e aglomerações de determinados produtos, ambas estiveram dispostas em suas classificações originais.

Para evitar eventuais distorções entre as moedas e as diferenças entre os preços relativos dos distintos momentos em que os dados foram analisados, optou-se pela utilização da participação percentual, para que se tornasse possível comparar as informações obtidas em diferentes pontos da economia do país. Também se utilizou a apresentação dos dados por meio de gráficos para que se tornassem mais evidentes as participações percentuais e ao mesmo tempo fosse possível uma análise conjunta.

Para avaliação da concentração dos produtos integrantes das pautas de exportações e importações (vias internas) do Nordeste, optou-se por utilizar o Índice de Herfindahl-Hirschman, que é definido pela soma dos quadrados da participação de cada produto no total de importações/exportações inter-regionais do Nordeste (Herfindahl, 1950), ver fórmula a seguir. Este índice foi escolhido por ser amplamente utilizado nos estudos mais recentes sobre concentração, tanto no âmbito do comércio entre nações, como também para identificar condições monopolistas de empresas transnacionais.

$$H = \sum_{i=1}^n P_i^2$$

Onde:

H = Índice de Herfindahl-Hirschman

P_i = Participação percentual do produto i no total de importações ou exportações (por vias internas) do Nordeste.

A situação de maior concentração é expressa pelo valor máximo de 1, sendo n o número de produtos.

4. Análise Agregada do Comércio Inter-Regional da Região Nordeste

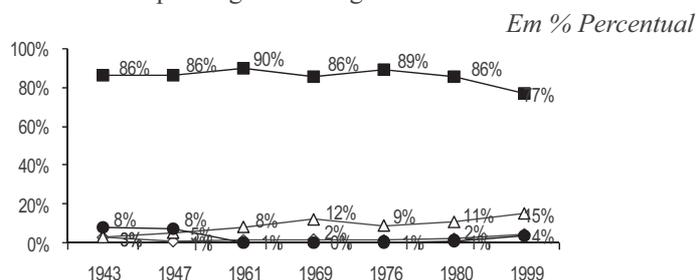
Até o final da década de 40, o comércio inter-regional, no Brasil era pequeno e, praticamente, realizado por meio de cabotagem, o que dificultava a intensificação dos fluxos comerciais entre as regiões brasileiras. Segundo Galvão (1999), havia uma situação em que o sistema comercial brasileiro era “um arquipélago de ilhas econômicas isoladas”, onde o comércio ocorria principalmente dentro das próprias regiões. Até mesmo o comércio exterior era mais intenso do que entre as regiões do próprio país.

O comércio inter-regional brasileiro começou a se desenvolver de forma mais acentuada a partir da década de 50 com a construção das estradas e com a criação de um sistema unificado de transportes. Os investimentos em infra-estrutura, rodovias e a vinda das multinacionais fomentaram o interesse das empresas nacionais em expandirem o comércio dos seus produtos para outros mercados dentro do país.

Na década dos sessenta, com a exposição do Nordeste à concorrência de outras regiões, ocorreu um aumento do seu déficit da balança de comércio inter-regional, principalmente com a região Sudeste, que representava 93% do seu saldo negativo.

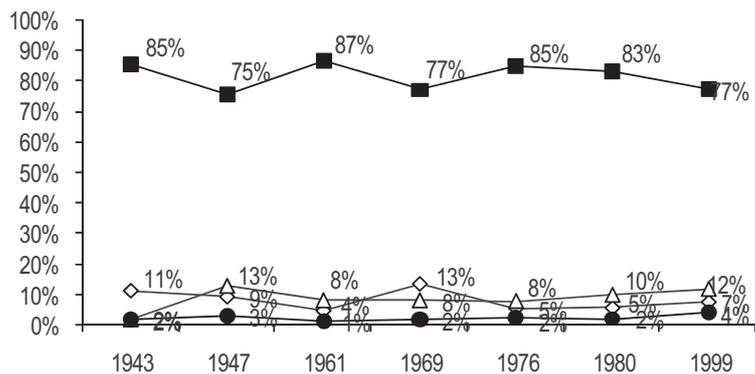
Para o ano de 1969, houve uma expressiva redução da cabotagem, representando apenas 4,8% do comércio interestadual. Desta forma, o transporte rodoviário passou a ser o meio mais eficaz de locomoção de mercadorias. Também houve melhoria nas comunicações internas, entre os estados da região, o que promoveu o comércio. Ao analisar a participação percentual das regiões brasileiras no comércio inter-regional com o Nordeste, é possível afirmar a existência de características muito distintas, que apontam para um cenário que pouco se alterou ao longo de quase sessenta anos, no período que compreende 1943 a 1999. O que se observa, no decorrer desses anos, é uma concentração dos fluxos comerciais, principalmente com a Região Sudeste, conforme é possível observar no gráfico 01, a seguir:

Gráfico 1
Importações e Exportações Inter-Regionais do Nordeste Brasileiro por Região de Origem e Destino

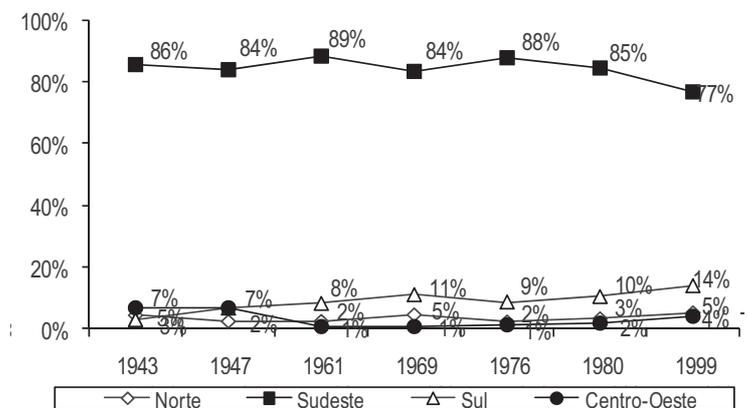


Importações por região de origem (continua)

Gráfico 1
 Importações e Exportações Inter-Regionais do Nordeste Brasileiro por
 Região de Origem e Destino (continuação) *Em % Percentual*



Exportações por região de destino



Exportações somadas às importações por região de destino e origem

Elaborado pelo autor.

Base de Dados:

1943, 1947, 1961: IBGE. Anuários Estatísticos do Brasil. Rio de Janeiro.

1969: CEDEPLAR. Tabulações especiais da FIBGE realizadas pela UFMG.

1976 e 1980: SUDENE. Importações e Exportações do Nordeste do Brasil 1974-80.

1999: VASCONCELOS, José Romeu. Matrix do Fluxo de Comércio Interestadual de Bens e Serviços no Brasil - 2001.

Vale salientar que o Estado de São Paulo é altamente representativo nesse comércio, ao longo de todo o período, uma vez que é o principal fornecedor de produtos para o Nordeste. A hegemonia do comércio da região Sudeste com o Nordeste é explicada basicamente pela intensidade da atividade industrial de cada região. O comércio é intenso em ambas as direções, ou seja, o Sudeste se revela não apenas o principal fornecedor para o Nordeste, como também, o principal comprador. A SUDENE (1985) explica essa relação como sendo resultado da conformidade com o nível tecnológico das indústrias localizadas em cada região. Como a indústria nordestina possui um menor grau de intensidade tecnológica, esta se especializou na exportação de componentes, matérias primas e manufaturados com menor grau de elaboração e importar produtos manufaturados com maior grau de elaboração, máquinas e alimentos industrializados.

Maia Gomes e Vergolino (1995) mostram a evolução do produto nordestino delineado por uma forte correlação da industrialização incentivada em relação às atividades econômicas, inclusive o comércio. Para os autores na década de 1970 e parte da de 1980, a economia nordestina apresentou bom desempenho, tendo em vista a implantação de importantes projetos públicos e privados, situados, principalmente, em torno das capitais. Destacam-se o Pólo Petroquímico de Camaçari, na Bahia, o Pólo Têxtil e de Confecção, em Fortaleza, e o Complexo Metal-Mecânico no Recife. Os autores ainda citam, algumas microrregiões do interior do Nordeste que passam a apresentar relativo dinamismo nas suas estruturas produtivas, como foi o caso do complexo agro-industrial de Petrolina/Juazeiro. Os recentes pólos de desenvolvimento do Nordeste são exemplos de que o processo de industrialização vem se desenvolvendo nos últimos anos e que os níveis de comércio podem ser mais positivos para a região. Lima (1994) ainda inclui em sua análise outros pólos de desenvolvimento como o pólo mineiro metalúrgico de Carajás/São Luiz, confecções e pecuária no agreste pernambucano, agricultura de grãos no sul do Piauí e Maranhão e a fruticultura no Vale do Açu, no Rio grande do Norte.

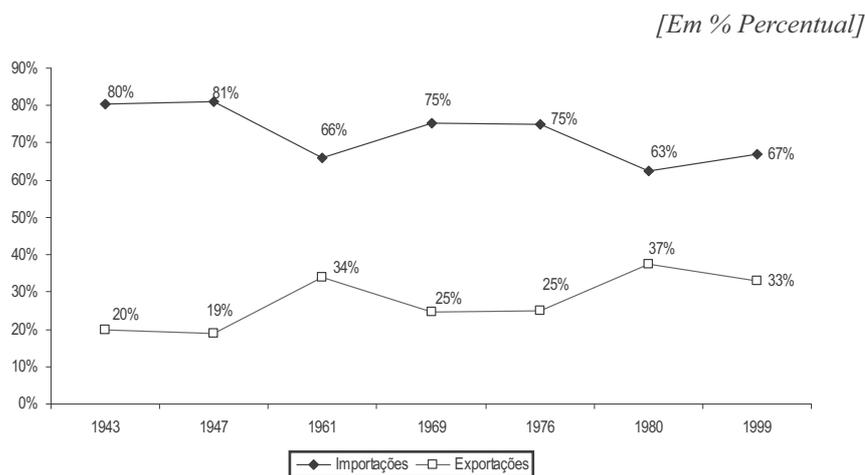
Ao nível nacional os dados mostram que de fato houve entre 1994 e 2000 uma desconcentração regional do emprego industrial no Brasil. Enquanto o Sudeste apresentou queda de 62% para 55%, o Sul e o Nordeste obtiveram participações crescentes de 22% para 25% e 10% para 12%, respectivamente. Este processo de desconcentração também ocorreu, quando considerado o número de estabelecimentos industriais instalados. Enquanto no Sudeste ocorreu uma perda relativa, o Sul e Nordeste apresentaram crescimento no mesmo período analisado de 1994 a 2000. Comprova-se existir uma tendência de desconcentração industrial na região Sudeste, apesar de ainda obter significativa dominância nesse setor, representando mais da metade dos estabelecimentos industriais brasileiros em 2000. Notadamente, o menor preço da mão-de-obra em outras regiões brasileiras, incentivaram as indústrias a deslocar suas plantas industriais para aproveitar essa vantagem comparativa e menor custo de produção. Como resultado desse processo verifica-se no período recente, 1976-1999, uma diminuição da participação das importações originadas do Sudeste,

e uma queda das exportações nordestinas destinadas a esta região. Nesse mesmo período, é possível observar uma elevação das relações comerciais nordestinas com todas as demais regiões do país, o que pode significar uma maior diversificação de parceiros comerciais, ao mesmo tempo em que demonstra que os níveis de melhoria ocorridos na indústria nordestina já se refletem nos níveis de comércio inter-regional.

No gráfico 02 é possível visualizar a magnitude do déficit na balança de comércio inter-regional ao longo dos anos analisados. Segundo Goodman e Albuquerque (1971) os significativos déficits no comércio inter-regional, apresentados pelo Nordeste, parecem ser fruto de uma alta elasticidade-renda da demanda de importações (sobretudo provenientes do resto do país) e de uma rigidez das exportações em acompanhar à evolução do produto regional ou o crescimento da demanda dos seus mercados tradicionais (particularmente o centro-sul). Uma outra causa que também pode explicar a queda das exportações nordestinas para o resto do país, a partir de 60, é o expressivo declínio do agronegócio regional. O algodão e o açúcar que antes eram produtos significativos na pauta de exportação inter-regional estagnaram, sendo o açúcar do Sudeste mais competitivo, acarretando queda na atividade agro-industrial do Nordeste.

Segundo o gráfico 02, os maiores déficits em termos percentuais da balança do comércio inter-regional ocorreram justamente nos períodos das “ilhas econômicas” em 1943 e 1947, quando as importações superaram as exportações em aproximadamente quatro vezes, todavia, estes eram menos significativos quando considerado o volume de comércio, em razão do baixo desenvolvimento do comércio inter-regional nesses anos. Em 1961, houve uma diminuição desse déficit e as exportações passaram a representar a metade das importações. No ano de 1969, essa relação deficitária voltou a crescer e as importações superaram as exportações em três vezes. Tal condição manteve-se estável em 1976. Em 1980, ocorreu uma diminuição do déficit comercial inter-regional e as exportações representaram, aproximadamente, a metade do valor das importações. Ocorreu novamente aumento do déficit em 1999, quando as importações passaram a figurar com aproximadamente o dobro do total das exportações inter-regionais. Os dados parecem mostrar que em 1999 houve relação deficitária do comércio inter-regional do Nordeste com todas as demais regiões brasileiras.

Gráfico 2
 Importações e Exportações Inter-Regionais do Nordeste com as Demais Regiões
 Brasileiras



Elaborado pelo autor.

Base de dados:

1943, 1947, 1961: IBGE. Anuários Estatísticos do Brasil. Rio de Janeiro.

1969: CEDEPLAR. Tabulações especiais da FIBGE realizadas pela UFMG.

1976 e 1980: SUDENE. Importações e Exportações do Nordeste do Brasil 1974-80.

1999: VASCONCELOS, José Romeu. Matrix do Fluxo de Comércio Interestadual de Bens e Serviços no Brasil - 2001.

Ao nível de estado da Região ocorre uma concentração da atividade comercial na Bahia, Pernambuco e Ceará. A Bahia é o principal exportador nordestino para o mercado inter-regional e internacional, explicado em parte pelo crescimento do Pólo Petroquímico de Camaçari. O Estado de Pernambuco representou o principal distribuidor de mercadorias para os demais Estados do Nordeste, porém com alguma perda de dinamismo nos últimos anos, tendo em vista que alguns estados passaram a comercializar suas mercadorias diretamente com a região Sudeste. Por outro lado, dificuldades de competitividade da agroindústria sucroalcooleira pernambucana dificultaram a expansão do comércio. A agressiva política de atração de empresas realizada pelo Estado do Ceará lhe permitiu atrair significativos investimentos, principalmente nos ramos têxtil e calçadista, melhorando os seus níveis de comércio nos últimos anos do período.

Quanto ao comércio internacional cabe destacar a Bahia, explicado pela força de sua indústria petroquímica e o Estado do Maranhão, explicado pelo projeto da Companhia Vale do Rio Doce que efetuou elevados investimentos no setor de exploração de minério e ainda, o funcionamento do Corredor de Exportação Norte, em 1992, quando a maior parte da produção agrícola da região, principalmente da soja, passou a ser escoada por estradas de ferro operadas por essa companhia.

Considerando o comércio total, observa-se que o Nordeste apresenta saldos positivos na balança comercial internacional em detrimento de persistentes déficits na balança comercial inter-regional. Até meados da década de 60, os saldos positivos da balança comercial internacional superavam os saldos negativos do comércio inter-regional. Porém, os saldos positivos da balança de comércio externa não minimizavam os efeitos adversos dos déficits inter-regionais, pois, enquanto existia um déficit interno, provocado por uma elevada elasticidade-renda da demanda interna por bens e serviços, principalmente manufaturados, o superávit, gerado no comércio internacional era, em boa parte, destinado a poupanças internas, decorrentes da exportação de produtos primários e concentrados nas mãos de uma oligarquia agrária, com poucos efeitos multiplicadores.

Em resumo, observa-se que o comércio inter-regional nordestino é intenso em ambas as direções com a região Sudeste, todavia, enquanto o Nordeste exporta, essencialmente, componentes e matéria-prima, importa produtos acabados, bens de consumo e alimentos e bebidas. Apesar de o comércio com o Sudeste se apresentar forte e representativo, é possível concluir que, nos últimos anos, houve uma diminuição da participação do Sudeste no total do comércio inter-regional nordestino, em contraposição, a certo crescimento da representatividade das demais regiões do país. Porém, a participação do Nordeste, no comércio inter-regional, é amplamente deficitária em todos os anos analisados.

5. Mudança na Estrutura do Comércio Inter-Regional

Esta seção discutirá as mudanças ocorridas nas pautas de exportações e importações inter-regionais, por produto, do Nordeste entre os anos de 1976, anterior ao desenvolvimento das áreas dinâmicas, e o ano de 1999, momento em que essas áreas já se mostravam com certo desenvolvimento. Serão analisados os produtos mais significativos das pautas de comércio inter-regional, com ênfase nas mudanças ocorridas em suas participações entre os anos analisados.

As tabelas 01 e 02 mostram, respectivamente, os quinze produtos mais importantes nas pautas de exportações e importações inter-regionais da região Nordeste em 1976 e 1999.

Tabela 1
Principais Produtos da Pauta de Exportações Inter-Regionais do Nordeste em 1976 e 1999
[Em participação %]

ANO DE 1976	Part %	ANO DE 1999	Part %
Algodão	11,92%	Fabricação de produtos químicos	34,00%
Ferro Fundido e Aço	8,34%	Metalurgia básica	7,00%
Alumínio	6,21%	Fabricação de produtos alimentícios e bebidas	7,00%
Máquinas e Aparelhos Elétricos e Objetos Destinados a usos Eletrônicos	5,48%	Comércio por atacado e intermediários do comércio	6,00%
Produtos Químicos Orgânicos	4,51%	Fabricação de celulose, papel e produtos de papel	4,00%
Vestuários e seus Acessórios, de Tecidos	3,89%	Fabricação de artigos de borracha e plástico	4,00%
Têxteis Sintéticos e Artificiais, Descontínuos	3,48%	Comércio e reparação de veículos automotores e motocicletas; e comércio a varejo de combustíveis	4,00%
Madeira e Manufatura de Madeira, Carvão Vegetal	3,42%	Fabricação de produtos têxteis	4,00%
Têxteis Sintéticos e Artificiais, Contínuos	3,25%	Preparação de couros e fabricação de artefatos de couro, artigos de viagem e calçados	3,00%
Caldeiras, Máquinas, Aparelhos e Instrumentos Mecânicos	3,10%	Fabricação de máquinas, aparelhos e materias elétricos	3,00%
Borracha Natural ou Sintética; Substituto da Borracha	2,85%	Transporte terrestre	3,00%
Extratos Tanantes e Tintoriais, Taninos e seus Derivados, Matérias Corantes, Tintas e Vernizes...	2,74%	Comércio varejista e reparação de objetos pessoais e domésticos	3,00%
Combustíveis Minerais, Óleos Minerais e Produtos de sua Destilação; Matérias Betuminosas; Ceras Minerais	2,58%	Fabricação de coque, refino de petróleo, elaboração de combustíveis nucleares e produção de álcool	3,00%
Fumo	2,24%	Fabricação de produtos de metal - exclusive máquinas e equipamentos	2,00%
Produtos Químicos Inorgânicos; Compostos Inorgânicos ou Orgânicos de Metais Preciosos, de Elementos Radioativos...	1,93%	Fabricação de móveis e indústrias diversas	2,00%
TOTAL	65,94%	TOTAL	89,00%

Elaborado pelo autor

Base de Dados:

1976 - SUDENE - Importações e Exportações do Nordeste do Brasil (1985)

1999 - Vasconcelos - Análise da matriz por atividade do comércio interestadual no Brasil - 1999 (2006)

Para o ano de 1976 foi utilizada a Classificação Brasileira de Mercadorias.

Para o ano de 1999 foi utilizada a Classificação do CNAE-F.

A tabela 01 mostra que o algodão foi no passado o principal item componente da pauta de exportações do Nordeste. Porém, o seu notável declínio, ao longo dos últimos trinta anos, deu-se por conta de alguns fatores específicos. Galvão (2006) evidencia que surgiu uma nova tecnologia (novo tear) que não considerava diferença de utilização do algodão de fibra longa nordestino, maior qualidade, com o de fibra curta, produzido no Sudeste. Desta forma o algodão nordestino perdeu competitividade. Albuquerque (2002) destaca que a crise do setor também ocorreu pela competição ocorrida com o uso das fibras sintéticas no setor têxtil e pelo surgimento da praga do bicudo nas plantações. Na pauta de exportações inter-regionais do Nordeste de 1999 o item algodão perdeu completamente a sua representatividade e sequer figura entre os 15 principais códigos CNAE exportados em 1999, com a perda absoluta da hegemonia do algodão na economia do Nordeste, o principal item da pauta de exportações inter-regionais passou a ser a fabricação de produtos químicos. Como já foi destacado, essa alteração significativa do principal item da pauta do Nordeste ocorreu por conta da instalação do Complexo Petroquímico de Camaçari. Atualmente, esse é um dos principais pilares da produção de bens intermediários do Nordeste.

Tabela 2
Principais Produtos na Pauta das Importações Inter-Regionais do Nordeste em 1976 e 1999
[participação (%)]

ANO DE 1976		ANO DE 1999	
	Part %		Part %
Caldeiras, Máquinas, Aparelhos e Instr. Mecânicos	10,90%	Fabricação de produtos alimentícios e bebidas	14,00%
Veículos Automotores, Tratores, Velocípedes Motocicletas e Outros Veículos Terrestres	10,12%	Comércio por atacado e intermediários do comércio	13,00%
Máquinas e Aparelhos Elétricos e Objetos Destinados a usos Eletrotécnicos	6,75%	Fabricação de produtos químicos	11,00%
Ferro Fundido a Aço	6,47%	Fabricação e montagem de veículos automotores, reboques e carrocerias	9,00%
Algodão	3,98%	Fabricação de máquinas e equipamentos	6,00%
Produtos Farmaceuticos	3,83%	Comércio varejista e reparação de objetos pessoais e domésticos	4,00%
Borracha Natural ou Sintética; Substituto da Borracha e Manufaturas de Borracha	2,84%	Fabricação de produtos têxteis	4,00%
Móveis; Mobiliários Médico-Cirúrgico; Artigos de Colchoaria e Semelhantes	2,66%	Fabricação de coque, refino de petróleo, elaboração de combustíveis nucleares e produção de álcool	4,00%
Matérias Plásticas Artificiais, Éteres e Esteres da Celulose, Resinas Artificiais ...	2,45%	Fabricação de artigos de borracha e plástico	3,00%
Vestuários e seus Acessórios, de Tecidos	2,31%	Fabricação de material eletrônico e de aparelhos e equipamentos de comunicações	3,00%
Leite e Produtos Lácteos; Ovos de Aves; Mel Natural	2,23%	Fabricação de máquinas, aparelhos e materias elétricos	3,00%
Tecidos e Artigos de Malharia e Ponto de Meia	2,15%	Metalurgia básica	2,00%
Papel Cartolina e Cartão; Manufaturas de Pasta de Celulose de Papel, de Cartolina e de Cartão	2,02%	Fabricação de móveis e indústrias diversas	2,00%
Carnes e Miúdos Comestíveis	1,69%	Transporte terrestre	2,00%
Calçados, Pemeiras, polainas e Artigos Semelhantes; partes destes artigos	1,42%	Confecção de artigos do vestuário e acessórios	2,00%
TOTAL	61,82%	TOTAL	82,00%

Elaborado pelo autor

Base de Dados:

1976 - SUDENE - Importações e Exportações do Nordeste do Brasil (1985)

1999 - Vasconcelos - Análise da matriz por atividade do comércio interestadual no Brasil - 1999 (2006)

Para o ano de 1976 foi utilizada a Classificação Brasileira de Mercadorias.

Para o ano de 1999 foi utilizada a Classificação do CNAE-F.

O segundo item da pauta de exportações inter-regionais do Nordeste, em 1976, foi o ferro fundido e aço, sendo que 87% das exportações desse produto foram destinadas à região Sudeste do país. A Bahia foi a maior exportadora de ferro fundido e aço do Nordeste em 1976, seguido do Estado de Pernambuco e do Ceará.

Em 1999, a metalurgia básica também foi o segundo item da pauta de exportações inter-regionais nordestinas, o que reforça a intensa representatividade desta atividade, tanto no ano de 1976, quanto nos tempos atuais. Este é um segmento que se vem desenvolvendo de maneira acelerada, ao longo dos últimos anos no Nordeste. Tais resultados foram incentivados, principalmente, pelos segmentos produtores de commodities, como os setores siderúrgico e metalúrgico, em decorrência do aumento da demanda externa e dos preços no mercado internacional. Infelizmente, por problemas metodológicos, a matriz utilizada como base para o ano de 1999 não apresenta dados por produto das exportações do Estado do Maranhão, no comércio inter-regional. Todavia, é sabido que esse Estado detinha participação na produção metalúrgica nordestina. Notadamente, no Maranhão, houve altos investimentos realizados por empresas estatais e multinacionais no setor de exploração do minério de ferro, sobretudo, a exploração de ferro gusa, alumínio e manganês. Com a conclusão do Corredor de Exportação Norte, em 1992, a produção passou a ser escoada por estradas de ferro operadas pela Vale do Rio Doce, com destino ao Porto Madeiras, em São Luis. Boa parte dessa produção é destinada ao mercado internacional. Segundo Lima (1994), o Programa Grande Carajás, que comportou expressivos investimentos em instalações do Porto de Madeira, em minas, infra-estrutura e, principalmente, na construção de uma ferrovia de 390 km. (Estrada de Ferro Carajás) foi determinante para o desenvolvimento da atividade metalúrgica no Estado do Maranhão. Em decorrência desses movimentos de capital, a Companhia Vale do Rio Doce (CVRD) vem desempenhando um dos principais papéis, também o projeto ALUMAR (Associação da ALCOA, ALCAN e BILLINGTON), em São Luís, como também, diversas pequenas guserias, que surgiram no trajeto da estrada de ferro Carajás.

O quarto produto mais representativo da pauta de exportações inter-regionais do Nordeste, em 1976, foi o de máquinas e aparelhos elétricos e objetos destinados a usos eletrônicos. As exportações desse item foram relevantes, quando consideradas com o total das exportações inter-regionais do Nordeste, mas, menos expressivas, quando comparadas com as importações desse mesmo produto. O Nordeste importou, em 1999, em máquinas e aparelhos elétricos mais do que o dobro, de suas exportações inter-regionais, deste mesmo produto.

Outro setor que detém importante participação no comércio inter-regional é o têxtil. A região Nordeste sofreu, entre 1960 e 1970, graves dificuldades nessa atividade em decorrência do alto grau de obsolescência dos equipamentos e pelo fechamento de várias unidades consideradas antieconômicas. Transformações mais recentes na indústria têxtil brasileira mostram uma transferência das plantas da indústria têxtil do Sul e Sudeste em direção ao Nordeste. Apesar de todos estes investimentos e perspectivas positivas do setor têxtil nordestino, este representou apenas 4% do total

das exportações inter-regionais do Nordeste em 1999. Ao mesmo tempo, nesse ano, o Nordeste importou quase três vezes mais produtos têxteis, das demais regiões do país, do que as suas exportações desse produto, assim o setor foi um dos itens que mais contribuiu para o déficit na balança de comércio inter-regional do Nordeste em 1999.

Máquinas e equipamentos é um item que obteve significativa representatividade, tanto na pauta de importações do ano de 1976, quanto de 1999. Em função da maior concentração da indústria no eixo Sudeste e Sul do país, este item apresenta expressiva relevância nas importações realizadas pelo Nordeste. Em 1976, as importações de máquinas e equipamentos representavam 10,90% do total das entradas inter-regionais nordestinas, enquanto, em 1999, este percentual caiu para 6%, conforme tabela 02. Essa queda pode ter acontecido em função da abertura comercial que facilitou as importações desses produtos do mercado internacional. Como já era possível presumir, máquinas e equipamentos é dos principais causadores do déficit da balança de comércio inter-regional do Nordeste. Em 1976, a exportação inter-regional de máquinas e equipamentos correspondia a apenas 9% do total das importações. Em 1999, as exportações inter-regionais passaram a representar apenas 3% do total das importações deste produto, agravando ainda mais, sua participação no déficit da balança de comércio inter-regional do Nordeste.

Outro item importante da pauta são os veículos automotores. Em 1976, 98% das importações deste item eram originadas da região Sudeste. Em 1999, essa relação com o Sudeste diminuiu para 82%, tendo a região Sul aumentado sua participação de menos de 1% em 1976, para 18% em 1999. Veículos automotores foi um dos itens que contribuiu para uma maior diversificação de regiões vendedoras para o Nordeste, comparando-se os anos de 1976 e 1999, discutido acima. Como os últimos dados do comércio inter-regional têm como base o ano de 1999, não foi possível avaliar os impactos da instalação da fábrica da FORD, em Camaçari, na Bahia, uma vez que a data de início da operação ocorreu a partir do ano 2000. Segundo Silva (2004), os investimentos realizados pela FORD, no Estado baiano, atingiram o montante de US\$ 1,9 bilhões, sendo o mais expressivo investimento realizado por uma única montadora no Brasil, no período que compreende 1996 a 2000.

No ano de 1976, não era possível observar expressiva representatividade dos produtos alimentícios na pauta de comércio inter-regional do Nordeste. No ano de 1999, porém houve uma mudança significativa, passando o item fabricação de produtos alimentícios e bebidas a ser o primeiro item da pauta de importações do Nordeste, com 14% de participação, e o terceiro item da pauta de exportações da Região com participação de 7%. Assim, em 1999 alimentos e bebidas foi o item que mais impactou negativamente no déficit comercial inter-regional (18,2%) do Nordeste. Comparando os anos de 1976 e 1999 pareceria existir uma dependência nordestina de alimentos de outras regiões brasileiras, a produção local parece insuficiente para atender a sua demanda. Por outro lado, também é possível comprovar a ocorrência de uma maior descentralização dessa dependência da região Sudeste do país, passando o Nordeste a comprar boa parte dos seus alimentos também das regiões Sul, Norte e Centro-Oeste.

Segundo Menezes (2003), a elasticidade-renda da demanda de produtos alimentícios é mais forte nas cidades do Nordeste e Norte, como também, na primeira faixa de renda (mais pobre). Desta forma um determinado aumento na renda das famílias, com menor poder aquisitivo, aumenta significativamente o consumo de gêneros alimentícios de primeira necessidade. Essa condição implica, necessariamente, um aumento da demanda interna por alimentos e, conseqüentemente, crescimento nas importações de produtos alimentícios.

No ano de 1999 o comércio por atacado e intermediários de comércio passou a ocupar a segunda posição na pauta de importações inter-regionais do Nordeste. As importações inter-regionais decorrentes do comércio por atacado foram muito expressivas com a região Sudeste, 84% do total. É preciso salientar também a expressiva importância do comércio por atacado no mercado intra-regional. O valor do comércio atacadista, realizado entre os Estados nordestinos é equivalente (mesmo valor) ao das importações do Sudeste. Essa consideração confirma a existência de relações comerciais intensas entre as unidades da federação do Nordeste.

Em 1976, a exportação de papel e celulose do Nordeste, para as demais regiões era pouco representativa, significava apenas 1,96% do total, e sequer aparecia entre os quinze produtos mais importantes. Em 1999, tal relação de significância dobrou e o papel e celulose passou a representar 4% do total das exportações inter-regionais nordestinas, pontuando como o quinto produto mais exportado. O principal Estado nordestino responsável por esse expressivo crescimento foi a Bahia, representando 94% de todo o papel exportado para as demais regiões brasileiras, em 1999. Todavia, apesar de todo este movimento crescente de investimentos nessa área, em 1999, o produto papel e celulose apresentou déficit na pauta do comércio inter-regional do Nordeste.

Na pauta de exportações inter-regionais do Nordeste em 1999, surge com alguma representatividade, um item que antes, em 1976, era totalmente inexpressivo. Os calçados e artefatos de couro passaram de uma ínfima participação de 0,17%, em 1976, para 3% em 1999⁴. Segundo Santos (2002), durante a década de 90, houve uma crescente migração da indústria calçadista para o Nordeste brasileiro, mais especificamente para a Bahia e o Ceará, que juntos detêm 67% das empresas instaladas na região. A busca por redução de custos foi um dos principais motivos para o deslocamento de importantes unidades produtivas de calçados para o Nordeste. No Ceará, localizam-se 150 empresas do setor calçadista sendo o terceiro maior produtor de calçados do país.

⁴ Note-se que, em razão de limitações metodológicas destacadas na tabela de comércio inter-regional de 1999, este percentual não contemplava o setor calçadista do Ceará, uma vez que este Estado não dispunha de informações relativas às suas exportações inter-regionais ou intra-regionais por produtos/estados da federação. Em razão desta omissão, este percentual tenderia a ser ainda mais significativo.

As evidências apresentadas neste artigo sobre a direção e as mudanças na estrutura do comércio inter-regional do Nordeste, permitem tecer algumas considerações sobre a relevância das teorias para explicar esses fluxos comerciais.

Em primeiro lugar cabe destacar que o Nordeste é reconhecido como sendo uma região relativamente abundante de mão-de-obra. A região Nordeste é caracterizada por ser a de menor desenvolvimento relativo no Brasil, com significativa pobreza rural e excedente de mão-de-obra. Esse excesso de oferta de mão-de-obra alimenta, inclusive, fluxos migratórios para outras regiões do país. As evidências sugerem, portanto, ser o Nordeste relativamente abundante em trabalho em relação aos parceiros comerciais. Assim, segundo os princípios neoclássicos da teoria do comércio internacional, a Região teria vantagens comparativas na produção e na exportação de bens relativamente intensivos em mão-de-obra.

Neste artigo não foi realizado teste empírico a fim de verificar se essa teoria é ou não válida para explicar o comércio inter-regional. Entretanto, a estrutura do comércio apresentada mostra um aumento expressivo na participação de exportações de bens intensivos em capital em detrimento dos bens intensivos em recursos naturais e mão-de-obra. Esse comportamento aparentemente paradoxal quanto ao aproveitamento das vantagens naturais da Região, parece estar relacionado a mudanças verificadas no preço relativo dos fatores de produção.

No Nordeste brasileiro o sistema de incentivos fiscais criado para incentivar o processo de industrialização, permitiu o uso de técnicas e a criação de indústrias que utilizam relativamente mais o fator que é escasso no Nordeste, o capital. Essa mudança no preço relativo dos fatores de produção reflete-se na estrutura do comércio inter-regional apresentada. O crescimento de exportações e importações intensivos em capital parece indicar que a nível inter-regional o comércio intra-indústria torna-se cada vez mais importante para a Região do que o comércio inter indústria baseado nas vantagens comparativas. Por outro lado o desenvolvimento de competitividade em produtos com poucas vantagens comparativas pode estar contribuindo inclusive, para o aumento da desigualdade na distribuição da renda, ao privilegiar o fator escasso na Região, o capital.

Uma questão importante do comércio inter-regional é o grau de diversificação da pauta de comércio. Assim foram calculados índices de Herfindahl-Hirschman (H-H) para o comércio inter-regional do Nordeste, ver tabela 3. Os resultados mostram índices de concentração no comércio inter-regional relativamente baixos para o ano de 1976 e muito semelhantes para as exportações e importações, índice em ambos os casos de H-H de 0,04. Porém, em 1999, o perfil das exportações do Nordeste foi bem mais concentrado do que o perfil das importações. Os indicadores de concentração apontaram para uma menor diversificação no perfil das exportações inter-regionais do Nordeste, índice de H-H de 0,14, em comparação às importações que se apresentaram menos concentradas, índice H-H de 0,07.

Tabela 3
Índices de Concentração no Comércio Inter-Regional do Nordeste

1976			1999		
INDICE	Import	Export	INDICE	Import	Export
5 primeiras	0,38	0,36	5 primeiras	0,53	0,58
15 primeiras	0,62	0,66	15 primeiras	0,82	0,89
Herfindahl- Hirschman	0,04	0,04	Herfindahl- Hirschman	0,07	0,14

Elaborado pelo autor, com base nas tabelas do comércio inter-regional de 1976 e 1999.

6. Conclusões

O estudo do comércio inter-regional tem muita importância tanto do ponto de vista teórico, quanto empírico⁵. Do ponto de vista teórico o estudo dos fluxos de comércio entre as regiões, é a base fundamental para a formulação dos modelos e das teorias de crescimento regional, pólos de crescimento e base de exportação. Do ponto de vista empírico, estas inter-relações de comércio permitem estudos que visam à determinação de centros de comercialização, estudos de demandas e ofertas regionais, análise de interdependências setoriais e inter-regionais, incentivos à produção, políticas de transporte, dentre outros. Estas análises são primordiais para o planejamento regional e o estabelecimento da política industrial. Este artigo teve por objetivo conhecer melhor as mudanças ocorridas no comércio inter-regional do Nordeste, após o desenvolvimento dos recentes pólos dinâmicos da economia nordestina.

Os resultados obtidos, considerando apenas o volume de comércio inter-regional do Nordeste com as demais regiões a nível agregado, parecem mostrar uma situação que pouco se alterou ao longo dos anos analisados. Observa-se uma intensa concentração de comércio do Nordeste com o Sudeste, principalmente no sentido Sudeste-Nordeste, acarretando um significativo déficit comercial inter-regional nordestino. Apesar disso, observa-se uma redução dessa concentração nos últimos 30 anos, em detrimento de um aumento da participação das demais regiões do Brasil. Houve uma maior diversificação das regiões comercialmente parceiras do Nordeste

A nível de Estado tem-se que o notável crescimento da economia da Bahia, motivado principalmente pela indústria petroquímica e metalúrgica, destacando-se o Pólo de Camaçari como o propulsor da economia baiana e a elevação dos níveis de industrialização, aumentaram, significativamente, os níveis de comércio desses produtos. O Ceará também se revela com notável crescimento de sua indústria o que já se faz refletir em seus níveis crescentes de comércio. Em contrapartida, observa-se uma estagnação da economia pernambucana, apresentando quedas sucessivas em suas participações nas pautas comerciais.

⁵ A respeito ver, por exemplo, Andrade (1977).

Assim em se tratando da estrutura do comércio, pode-se afirmar que houve profundas mudanças nas pautas de importações e de exportações inter-regionais, advindos das alterações dos recentes pólos dinâmicos desenvolvidos na economia nordestina a partir da década de 70, que alterou o desenho da representatividade dos Estados nordestinos no contexto do comércio do Nordeste, principalmente com a implementação do pólo petroquímico de Camaçari, na Bahia e têxtil e calçadista, no Ceará. Relevantes alterações na estrutura produtiva da Região tiveram efeitos importantes sobre a estrutura do comércio. Nesse ponto, foi possível identificar as mudanças ocorridas nas pautas do comércio inter-regional do Nordeste nos anos de 1976 e 1999. Destaca-se a queda do algodão, principal item componente da pauta de 1976, em detrimento do notável crescimento da indústria química, mais representativa em 1999.

Todavia, apesar das expressivas alterações ocorridas nas pautas de comércio inter-regional, os índices de concentração revelaram que as exportações nordestinas se tornaram mais concentradas nos últimos anos. Este resultado parece ser explicado pela expressiva participação dos itens produtos químicos e metalurgia básica na pauta de exportações de 1999, de maneira a elevar o grau de concentração das exportações nordestinas.

Referências Bibliográficas

- Albuquerque, RC, 2002, “Fundamentos de uma estratégia de desenvolvimento do Nordeste.” *Artigo apresentado no Seminário Especial 50 Anos de Desenvolvimento: O papel do BNDES e do Banco do Nordeste – 1952/2002*, Rio de Janeiro.
- Andrade, TA, 1976, *Estrutura inter-regional da economia brasileira: subsídios para uma política de descentralização industrial, comércio interestadual no Brasil em 1969*. Relatório da Universidade Federal de Minas Gerais – CEDEPLAR, Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional, Belo Horizonte.
- Andrade, TA, 1977, “A estrutura do comércio inter-regional no Brasil” *Revista Brasileira de Geografia*, ano 39, nº 3, p.112-136.
- Ferreira, A, 1983, “O Nordeste brasileiro, contraponto inacabado de acumulação?” *Revista de Economia Política*, Vol.3 , nº 3, p. 71-87.
- Galvão, JA, 1999, “Comércio interestadual por vias internas e integração regional no Brasil: 1943- 1969”, *Revista Brasileira de Economia*, Vol 53 – Nº 4, Rio de Janeiro.
- Galvão, JA, 2006, “Comércio Inter-regional e Internacional”, *Artigo Inédito ainda em processo de conclusão por parte do autor*, Recife.
- Goodman, ED, Albuquerque, RC, 1971, “A Industrialização do Nordeste. Vol. 01 – A Economia Regional”. *IPEA / INPES – Relatório de Pesquisa Nº 6*, Rio de Janeiro.
- Herfindahl, OC, 1950, *Concentration in the steel industry*. Tese de doutoramento. Columbia University, Columbia.
- Hidalgo, A, 1985, “Intensidades Fatoriais na Economia Brasileira: Novo Teste Empírico do Teorema de Heckscher-Ohlin” , *Revista Brasileira de Economia*, vol. 39, nº 1, p. 27-55.
- Hidalgo, AB, Feistel, PR, 2007, “O intercâmbio comercial Nordeste – Mercosul: A questão das vantagens comparativas”, *Revista Econômica do Nordeste*, BNB, Vol.38, n. 1, pág.130-142.
- Hidalgo, AB, Vergolino, JR, 1998, “O Nordeste e o comércio inter-regional e internacional: Um teste dos impactos por meio do modelo gravitacional” *Revista Economia Aplicada*, vol.2, n. 4, pág.707-725.
- Hotelling, H, 1929, “Stability in competition”. *American Mathematical Society, Economic journal (39)*, New York, pág.41-57.
- Istake, M, 2003, *Comércio externo e interno do Brasil e das suas macrorregiões: Um teste do teorema de Heckscher-Ohlin*. Tese de Doutorado USP-SP.

- Lima, JPR, 1994, “Economia do Nordeste: Tendências recentes das áreas dinâmicas.” *Análise Econômica*, Porto Alegre, v. 12, n. 22, p. 55-73.
- Maia, GG, Vergolino, JR, 1995, “A macroeconomia do desenvolvimento nordestino: 1960/94”. *Texto para Discussão n. 372 do IPEA*, Brasília.
- Menezes, T, et ali, 2003, “Elasticidade renda dos produtos alimentares no Brasil e Regiões Metropolitanas: uma aplicação dos micro-dados da POF 1995/96” *Artigo publicado nos Anais do Encontro de Economia da ANPEC em 2003*.
- Metzler, LA, 1950, “A Multiple Region Theory of Income and Trade.” *Econometrica*, Vol. 18, p. 329-354. 2 Cf.
- Ohlin, B, 1971, *Comércio inter-regional e internacional*. Primera Edición en lengua castellana, Ed. Oikos, Barcelona.
- Richardson, HW, 1975, *Economia Regional*, Tradução da primeira edição da Inglaterra, Editora Zahar. Rio de Janeiro.
- Santos, AMM, Et ali, 2002, “Deslocamento das empresas para os Estados da Bahia e Ceará: O caso da Indústria calçadista” *BNDES Setorial*, Rio de Janeiro, n. 15, p. 63-82.
- Silva, JCD, et ali, 2004, “Estimativas dos efeitos da implantação do complexo FORD nordeste sobre a estrutura industrial da Bahia: uma abordagem insumo-produto.” *Artigo publicado nos Anais do Encontro de Economia da ANPEC em 2004*.
- Sudene, 1980, *Importações e exportações do Nordeste do Brasil – ano de 1976*. Relatório da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste, Coordenadoria de Planejamento, Recife.
- Sudene, 1985, *Importações e exportações do Nordeste do Brasil – 1974-80*. Relatório da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste, Coordenadoria de Planejamento, Recife.
- Sudene, 1980, *Comércio Exterior – Importações do Nordeste 1975-79*. Relatório da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste, Recife.
- Vasconcelos, JR, Oliveira, MA, 2006, “Análise da matriz por atividade do comércio interestadual no Brasil – 1999.” *Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) – texto para discussão n° 1159*, Rio de Janeiro.
- Vasconcelos, JR, 2001, “Matriz do fluxo de comércio interestadual de bens e serviços no Brasil – 1999.” *Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) – texto para discussão n° 817*, Brasília.
- Webber, A, 1929, *Theory of the localization of industries*. University of Chicago, Chicago.